

**FACSETE – FACULDADE SETE LAGOAS**

**YASMIN CAROLLINE ALMEIDA SANTOS**

**Transtorno do Espectro Autista em meninas: invisibilidade, riscos e desafios –  
uma revisão bibliográfica**

Sete Lagoas - MG

2025

**YASMIN CAROLLINE ALMEIDA SANTOS**

**Transtorno do Espectro Autista em meninas: invisibilidade, riscos e desafios –  
uma revisão bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como parte dos requisitos  
para conclusão do curso de graduação  
em Psicologia da Faculdade de Sete  
Lagoas – FACSETE.

Orientadora: Prof(a). Luana Cristina  
Soares Almeida

Sete Lagoas - MG

2025

YASMIN CAROLLINE ALMEIDA SANTOS

Transtorno do Espectro Autista em meninas: invisibilidade, riscos e desafios – uma  
revisão bibliográfica

A banca examinadora abaixo-assinada aprova o presente trabalho de conclusão de curso como parte dos requisitos para conclusão do curso de Graduação em "Psicologia" da Faculdade Sete Lagoas – FACSETE.

Aprovado em 03 de julho de 2025.



---

Prof. (a) Luana Cristina Soares  
Orientador(a)  
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE



---

Prof. (a) Carla Cristina Amorim  
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE

## RESUMO

O diagnóstico precoce desempenha um papel essencial no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, no caso das meninas, a presença de estratégias de camuflagem social e a influência de estereótipos associados ao TEA frequentemente dificultam a identificação precisa, levando a diagnósticos tardios ou equivocados. Pais e cuidadores - que geralmente são os primeiros a notar sinais - enfrentam barreiras significativas devido à falta de preparo adequado e concepções equivocadas sobre o transtorno. Esse contexto evidencia a necessidade de estratégias que promovam o engajamento familiar em programas de intervenção e promovam a capacitação parental. Apesar dos avanços na compreensão do TEA, ainda há lacunas importantes no entendimento das particularidades relacionadas às meninas com TEA Nível 1 de suporte. A maioria dos estudos concentra-se em casos com maior nível de suporte ou em populações predominantemente masculinas, limitando o desenvolvimento de estratégias diagnósticas e de suporte efetivas para as meninas. Diante disso, a metodologia deste estudo será baseada em uma revisão de literatura, com o objetivo de analisar os riscos de prejuízos no desenvolvimento de meninas com TEA Nível 1 de suporte, considerando fatores como o diagnóstico tardio e a falta de preparo de profissionais para identificar as manifestações do transtorno em meninas. A pesquisa também investigou como a ausência de orientação adequada aos responsáveis compromete a compreensão das necessidades específicas dessas crianças, dificultando o acesso a intervenções apropriadas. Dessa forma, espera-se contribuir para estratégias que favoreçam uma identificação mais precoce e uma abordagem mais eficaz e sensível às especificidades do TEA em meninas.

Palavras-chaves: autismo; autismo nível 1; autismo em meninas; diagnóstico precoce; consequência de um diagnóstico tardio.

## **ABSTRACT**

Early diagnosis plays a crucial role in the development of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). However, in the case of girls, the presence of social camouflaging strategies and the influence of stereotypes associated with ASD often hinder accurate identification, leading to late or mistaken diagnoses. Parents and caregivers - who are usually the first to notice signs - face significant barriers due to a lack of adequate preparation and misconceptions about the disorder. This context highlights the need for strategies that promote family engagement in intervention programs and encourage parental empowerment. Despite advances in the understanding of ASD, important gaps remain in recognizing the specific characteristics of girls with Level 1 support needs. Most studies focus on cases requiring higher levels of support or on predominantly male populations, which limits the development of effective diagnostic and support strategies for girls. Given this, the methodology of this study will be based on a literature review, aiming to analyze the risks of developmental impairments in girls with Level 1 ASD, considering factors such as late diagnosis and the lack of professional training to identify the manifestations of the disorder in girls. The research will also explore how the absence of proper guidance for caregivers may hinder the understanding of these children's specific needs, making it more difficult to access appropriate interventions. Thus, the study aims to contribute to strategies that foster earlier identification and a more effective and sensitive approach to the specificities of ASD in girls.

Keywords: autism; level 1 autism; autism in girls; early diagnostic; consequences of a late diagnostic

## **LISTA DE ABREVIações E SIGLAS**

**ABC** - Autism Behavior Checklist / Lista de checagem de comportamento autístico

**ASSQ** - Autism Spectrum Screening Questionnaire / Questionário de Triagem do Espectro do Autismo

**DSM-5-TR** - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais TEA  
- Transtorno do Espectro Autista

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEORICA</b> .....	7
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	10
<b>2.1. OBJETIVO GERAL</b> .....	10
<b>2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS</b> .....	10
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	10
<b>4. RESULTADOS</b> .....	11
Tabela 1 . Resultados da busca e triagem de artigos nas bases Pubmed e Scielo, relativos ao tema .....	12
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	12
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	14
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	16

## 1. INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na interação social e na comunicação, além de comportamentos restritivos e repetitivos (APA, 2023). Desde os estudos iniciais de Leo Kanner, em 1943, que descreveram um padrão distinto de isolamento social e interesses específicos, até a inclusão do transtorno em manuais diagnósticos como o DSM-5-TR, houve uma ampliação significativa na compreensão de suas manifestações e variações.

“No diagnóstico de TEA, é recomendável utilizar especificadores para descrever aspectos particulares do quadro clínico, como a presença ou ausência de deficiência intelectual, dificuldades estruturais de linguagem, condições médicas ou genéticas associadas, ou ainda problemas de desenvolvimento neurológico e comportamental. Além disso, é indicado especificar a gravidade dos sintomas observados. Esses recursos diagnósticos permitem maior precisão na descrição clínica, possibilitando uma abordagem mais personalizada ao paciente.” (APA, 2023, p. 56).

O TEA passou de um diagnóstico singular para uma abordagem dimensional, incorporando diferentes níveis de suporte. Esses níveis de apoio são classificados em três categorias: o Nível 1, que indica menor necessidade de suporte, como ajuda ocasional em tarefas específicas e supervisão mínima; o Nível 2, que exige suporte moderado, incluindo intervenções regulares para auxiliar em habilidades sociais, comunicação e organização; e o Nível 3, que demanda suporte substancial, com apoio intensivo e contínuo, envolvendo assistência para atividades diárias, acompanhamento constante e intervenções personalizadas (SALGADO et al., 2022). A etiologia do TEA é multifatorial, envolvendo componentes genéticos, ambientais e neurobiológicos que interagem de maneira complexa (FONTES; VASCONCELOS, 2018). Essa variabilidade reflete a amplitude do espectro, em que cada indivíduo apresenta desafios e habilidades singulares.

Ao longo dos anos, tornou-se evidente que há diferenças relevantes na forma como o TEA se manifesta em meninos e meninas, especialmente em casos de nível 1 de suporte. Historicamente, o diagnóstico do autismo foi majoritariamente construído com base em estudos realizados com a observação

dos comportamentos em meninos, o que contribuiu para um modelo diagnóstico inicial menos sensível às particularidades femininas (HULL et al., 2020). Enquanto meninos tendem a exibir comportamentos mais evidentes - como hiperfoco em objetos, movimentos repetitivos ou dificuldades sociais visíveis - as meninas frequentemente recorrem a estratégias de camuflagem, como imitação cuidadosa de interações sociais e adaptação ao contexto, o que pode mascarar suas dificuldades reais (HULL et al., 2020). Um estudo com crianças e adolescentes mostrou que meninas autistas demonstraram níveis de reciprocidade social semelhantes aos de meninas típicas, indicando que, apesar de características autistas, elas eram percebidas como socialmente adaptadas - o que pode atrasar ou ocultar o diagnóstico (WOOD-DOWNIE et al., 2020). Além disso, a pressão para cumprir expectativas femininas - como ser empática e comunicativa - contribui para que essas meninas passem despercebidas em avaliações clínicas e educacionais (DEAN. Et. Al., 2017)

De acordo com Zeppone (et al., 2012), a importância de diagnosticar e intervir precocemente é de contribuir para que cada indivíduo adquira o seu máximo potencial. Quanto mais cedo os sintomas de autismo são reconhecidos, maior a possibilidade de intervenções que permitam o desenvolvimento de habilidades prejudicadas. Em meninas, essa necessidade é ainda mais urgente devido às características sutis do TEA nessa população, frequentemente mascaradas por estratégias de camuflagem social que dificultam o reconhecimento inicial do transtorno (ANTUNES, 2023).

Embora a ciência tenha avançado no entendimento sobre o TEA, a maioria dos estudos concentra-se em casos que demandam maior suporte em populações majoritariamente masculinas (COOK, 2021). Isso limita a compreensão sobre os desafios vivenciados por meninas com TEA nível 1 de suporte e, conseqüentemente, a elaboração de estratégias eficazes de suporte parental. Além disso, os critérios diagnósticos descritos no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), embora tenham progredido, ainda carecem de maior sensibilidade às diferenças de gênero no espectro autista, o que contribui para subdiagnósticos ou diagnósticos tardios em meninas.

Todos os temores que os pais normalmente sentem sobre suas capacidades de criar uma criança saudável, são aumentados quando existe uma criança que necessita de cuidados especiais. Quando é oferecido a eles um aporte psicológico, não somente com relação aos cuidados necessários com a criança, como também nas mudanças que vão ocorrer na vida cotidiana da família, há uma possibilidade de sucesso no desenvolvimento desta pessoa (ZANATTA et al., 2014). Pesquisas recentes destacam os benefícios do envolvimento precoce e ativo dos pais no manejo do TEA, não apenas como cuidadores, mas também como participantes de programas de intervenção. Programas de treinamento parental baseados em evidências são ferramentas eficazes para melhorar as habilidades sociais e emocionais de crianças com TEA, ao mesmo tempo que auxiliam os pais a desenvolver estratégias para lidar com desafios diários (ANTUNES, 2023).

“... o autismo é tido como um fator de mudança dentro do contexto de uma família. Requer um processo adaptativo novo, resiliência, e exige um grau de responsabilidade consideravelmente grande de todas as partes. Pais sempre almejam filhos normais, criam perspectivas, e no momento que esbarram com o inverso, as relações familiares são alteradas pelo surgimento de emoções. No entanto, o diagnóstico de autismo encontra no amor de um pai e de uma mãe pelo seu filho um suporte para superação. A pessoa autista necessitará de cuidados especiais e apoio da família para que tenha um desenvolvimento saudável que lhe proporcione chegar melhor a fase adulta, usufruindo das melhores possibilidades para uma vida com maior independência” (SOUSA, 2014, p.54).

Estudos indicam que meninas com TEA Nível 1 frequentemente apresentam sinais mais sutis e atípicos, resultando em diagnósticos tardios ou inexistentes. A camuflagem social, comum entre meninas, pode dificultar ainda mais a percepção do transtorno, exigindo esforço emocional constante e aumentando o risco de ansiedade, depressão e dificuldades sociais. Isso evidencia a importância de conscientizar sobre as particularidades das meninas com TEA, promovendo intervenções mais precisas e eficazes. Portanto, esse trabalho busca explorar os riscos associados à falta de compreensão das necessidades de meninas com TEA nível 1 de suporte, especialmente no contexto da atuação profissional. Parte-se da hipótese de que ausência de preparo adequado por parte dos profissionais da saúde e educação compromete tanto o diagnóstico precoce quanto a orientação dos

responsáveis impactando diretamente o acesso a intervenções apropriadas e orientações assertivas para o contexto. Além de analisar os fatores que dificultam o diagnóstico precoce e o engajamento dos pais; a pesquisa propõe reflexões sobre estratégias de conscientização e intervenção.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

Identificar e analisar os riscos de prejuízos enfrentados por meninas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) Nível 1 de suporte.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS**

- Analisar como a dificuldade no diagnóstico precoce pode impactar o desenvolvimento e o bem-estar desse público;
- Entender de que forma o conhecimento prévio, crenças culturais e estereótipos influenciam percepção dos pais sobre o transtorno, afetando o engajamento no processo diagnóstico.

## **3. METODOLOGIA**

Para a operacionalização desta pesquisa, foi utilizado o método de revisão de literatura integrativa. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados eletrônicas SciELO e PubMed, com os seguintes descritores: “autism AND girls”, “camouflage AND autismo AND girls”, “parents AND autismo AND girls” e “diagnostic AND autism AND girls” , que deveria estar no título ou resumo dos artigos dos últimos cinco anos (janeiro de 2020 a janeiro de 2025). A busca foi realizada em fevereiro de 2025.

Como critério de inclusão dos artigos foram considerados os pontos seguintes:

- a) Possuir texto disponível na íntegra e com acesso gratuito;
- b) Ter como idioma de publicação a língua portuguesa, independente do país de publicação;

- c) Ter sido publicado entre janeiro de 2020 e janeiro de 2025;
- d) Possuir os descritores em seu título e/ou resumo;
- e) Conter recorte específico para o público feminino com TEA, especialmente em nível 1 de suporte;
- f) Abordar aspectos do diagnóstico precoce, dificuldades de identificação ou invisibilidade feminina no TEA;
- g) Contribuir para a reflexão sobre o papel das famílias e/ou dos profissionais frente ao reconhecimento do TEA em meninas;
- h) Sejam classificados como artigos de revisão sistemática, a fim de garantir rigor metodológico e aprofundamento teórico.

Os demais textos foram excluídos por:

- a) Abordagem sobre o TEA de maneira genérica, sem ênfase no público feminino;
- b) Serem limitados por conteúdo desatualizado ou linguagem imprecisa;
- c) Apresentarem limitações técnicas para leitura (como arquivos corrompidos ou incompletos);
- d) Não fornecerem dados relevantes para a pergunta norteadora do TCC;
- e) Materiais que antecedem o período de Janeiro de 2020;
- f) Artigos duplicados identificados nos descritores.

A partir da leitura dos títulos e dos resumos dos artigos encontrados, foi realizada a primeira triagem. Dando sequência para a leitura na íntegra e análise de conteúdo, levando a seleção de estudos que apresentavam alto grau de relevância, atualidade e aderência ao tema e a exclusão daqueles que não se enquadraram nos objetivos do estudo.

#### **4. RESULTADOS**

Durante a condução, foram inicialmente selecionados quinze artigos acadêmicos e técnicos disponíveis em bases de dados eletrônicas. Realizada a leitura e nova triagem dos artigos selecionados, chegou-se ao resultado de 03 artigos correspondentes aos critérios propostos (Tabela 1).

Tabela 1 . Resultados da busca e triagem de artigos nas bases Pubmed e Scielo, relativos ao tema

<b>ARTIGOS ENCONTRADOS NOS CRITÉRIOS DE BUSCA</b>		
<b>PUBMED</b>		
<b>DESCRITORES</b>	<b>BUSCA INICIAL</b>	<b>TRIAGEM APÓS LEITURA COMPLETA DO TEXTO</b>
AUTISM AND GIRLS	66	2
CAMOUFLAGE AND AUTISM AND GIRLS	2	0
PARENTS AND AUTISM AND GIRLS	10	0
DIAGNOSTIC AND AUTISM AND GIRLS	16	0
<b>SCIELO</b>		
AUTISM AND GIRLS	1	0
CAMOUFLAGE AND AUTISM	0	0
PARENTS AND AUTISM AND GIRLS	1	0
DIAGNOSTIC AND AUTISM AND GIRLS	3	1

## **5. DISCUSSÃO**

A análise dos três artigos selecionados para compor esta revisão aponta para barreiras significativas no diagnóstico de meninas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente no que diz respeito à invisibilidade de suas necessidades específicas. Embora cada estudo aborde recortes distintos - um com foco nos obstáculos enfrentados durante a educação básica, outro nas dificuldades no processo diagnóstico e o um terceiro aprofundando as particularidades da apresentação clínica do TEA em meninas e mulheres - todos convergem ao evidenciar como a compreensão limitada do perfil feminino no TEA contribui para falhas na identificação e acolhimento dessas meninas em

seus diferentes contextos.

O artigo de Lockwood Estrin et al. (2020), por meio de uma revisão sistemática mista, identifica uma série de fatores que dificultam o diagnóstico de meninas com TEA antes dos 21 anos. Dentre eles, destacam-se os comportamentos compensatórios, como o mascaramento (camuflagem), que levam profissionais e familiares a subestimarem os sinais característicos do transtorno. O estudo também evidencia que, para meninas serem diagnosticadas, frequentemente precisam apresentar mais dificuldades ou comorbidades (como problemas comportamentais ou déficits de linguagem), o que indica um viés nos critérios diagnósticos, historicamente baseados em um fenótipo masculino do autismo. Esse aspecto é particularmente relevante, pois demonstra como a ausência de reconhecimento das manifestações femininas do TEA pode atrasar o diagnóstico e, conseqüentemente, limitar o acesso a intervenções adequadas.

Complementando essa perspectiva, o estudo de Urbaniak & D'Amico (2024) amplia a discussão ao investigar, por meio de uma revisão sistemática qualitativa, os obstáculos enfrentados por meninas autistas no ambiente escolar. A pesquisa revela quatro grandes categorias de barreiras: sociais (enraizadas em estereótipos de gênero), institucionais (infraestrutura e apoio escolar inadequado), comunicativas (expectativas neurotípicas de interação) e a estigmatização que leva ao mascaramento. Os autores destacam nesse contexto, que o silêncio, a passividade e o bom desempenho escolar de algumas meninas são erroneamente interpretados como ausência de dificuldades - o que reforça uma desatenção institucional e compromete o suporte educacional oferecido. A expectativa de que meninas sejam socialmente adaptadas e menos disruptivas acaba por mascarar suas reais necessidades, comprometendo o reconhecimento de suas dificuldades e a oferta de suporte adequado.

Aprofundando essa discussão, o estudo de Hervás (2022) oferece uma análise abrangente sobre as diferenças de gênero na apresentação do autismo, ressaltando que o perfil clínico feminino tende a ser menos reconhecido pelos instrumentos diagnósticos tradicionais, como o ADOS-2 e o ADI-R. O artigo descreve o camuflamento como uma estratégia frequente em meninas e mulheres com TEA, que aprendem a imitar comportamentos sociais esperados,

suprimem comportamentos estereotipados e tentam parecer “normais” em ambientes sociais. Esse esforço de adaptação, muitas vezes visto como funcional, pode ocultar o sofrimento emocional e favorecer diagnósticos equivocados, como ansiedade, depressão, TDAH ou até transtornos alimentares. Destaca-se ainda que, a empatia preservada, o bom contato ocular e o jogo simbólico mais elaborado, comuns em meninas com TEA, contribuem para o não reconhecimento do transtorno por parte dos profissionais menos preparados.

## **6. CONCLUSÃO**

A partir da análise dos estudos revisados, constatou-se que ainda há uma escassez significativa de produções científicas que abordem, de forma específica e aprofundada, o Transtorno do Espectro Autista em meninas, especialmente aquelas classificadas no Nível 1 de suporte. Essa limitação impacta diretamente na compreensão das particularidades do desenvolvimento feminino dentro do espectro e nas possibilidades de um reconhecimento precoce. A combinação entre a camuflagem dos sintomas, os estereótipos que dificultam a percepção de sofrimento, a predominância de pesquisas com amostras masculinas e a ausência de capacitação específica entre profissionais de saúde e da educação compromete tanto o diagnóstico precoce quanto a elaboração de intervenções eficazes. Além disso, a falta de capacitação específica entre profissionais da saúde e educação compromete não apenas o diagnóstico, mas também o delineamento de intervenções que considerem as nuances subjetivas do gênero. Ainda que avanços tenham sido observados no campo do TEA como um todo, o olhar direcionado às meninas ainda carece de maior atenção.

Com base nas evidências levantadas, é possível afirmar que a invisibilidade vivenciada por meninas com TEA Nível 1 não se configura como um descaso intencional, mas decorre de lacunas no conhecimento técnico-científico, instrumentos diagnósticos insensíveis às variações de gênero e construções socioculturais enraizadas.

Durante a triagem, além da escassez de estudos atualizados que

atendessem aos critérios estabelecidos, foi observado a duplicação de artigos em bases distintas, o que reforça a limitação da literatura científica atual sobre o tema. A baixa quantidade de estudos originais e não duplicados evidencia um campo ainda em desenvolvimento e destaca a necessidade constantes de buscar embasamento sólido e aprofundado sobre as especificidades do autismo em meninas. Tal movimento é essencial para transformar realidades de exclusão silenciosa e promover práticas mais sensíveis, inclusivas e baseadas em evidências.

Nesse cenário, a capacitação dos pais e o acesso a informações confiáveis tornam-se fundamentais para que haja um percurso diagnóstico e interventivo eficaz. Pais que recebem informações claras e acessíveis tendem a se engajar mais nas etapas do cuidado, conseguindo observar com mais discernimento os sinais atípicos do desenvolvimento infantil. Antunes et al. (2023), em sua obra, ressaltam que pais que compreendem o perfil de funcionamento de suas filhas autistas conseguem oferecer suporte emocional mais coerente e buscar serviços especializados com maior autonomia. Isso reforça a necessidade da psicoeducação parental, a escuta qualificada e a atuação multidisciplinar, que assim promove o empoderamento familiar e fortalece o vínculo afetivo diante as dificuldades do desempenho infantil.

Além disso, é imprescindível destacar o papel central dos profissionais da saúde e da educação enquanto agentes facilitadores no processo de identificação e acompanhamento de meninas com TEA. A precisão nas orientações repassadas às famílias não podem ser omitidas, pois informações distorcidas, vagas ou baseadas em estereótipos podem atrasar diagnósticos e comprometer intervenções fundamentais ao desenvolvimento infantil. É papel ético e técnico do profissional oferecer escuta qualificada, orientação clara e respaldo científico às dúvidas parentais, atuando como parceiro e não como juiz na jornada diagnóstica. Profissionais sensíveis à complexidade do espectro e às nuances de gênero são capazes de contribuir para percursos diagnósticos mais assertivos, reconhecendo que o conhecimento sobre o TEA em meninas ainda está em construção - e, por isso, demanda formação continuada e constante atualização. Ao reconhecerem essas lacunas, os profissionais não apenas se tornam mais aptos a identificar sinais atípicos em meninas, mas também passam

a ser vozes ativas por transformações no próprio mercado de trabalho, questionando instrumentos padronizados, promovendo novas práticas e defendendo a inclusão de gênero nos protocolos diagnósticos e terapêuticos.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de continuidade das pesquisas nesse campo, a fim de que se amplie o conhecimento científico e se fortaleça o debate sobre as nuances de gênero no autismo. O avanço nessa direção pode contribuir para uma compreensão mais ampla e justa do espectro, possibilitando que meninas com TEA também sejam contempladas nos estudos, intervenções e práticas clínicas e educacionais.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR*. 5. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANTUNES, A. M. et al. (Org.). *Leve pra quem? Transtorno do Espectro Autista – nível 1 de suporte*. 1. ed. Belo Horizonte: Ampla Editora, 2023.

COOK, J. et al. Camouflaging in autism: a systematic review. *Clinical Psychology Review*, v. 89, p. 102080, set. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34563942/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DEAN, M.; HARWOOD, R.; KASARI, C. A arte da camuflagem: diferenças de gênero nos comportamentos sociais de meninas e meninos com transtorno do espectro do autismo. *Autismo*, 2016, p. 678–689. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1362361316671845>. Acesso em: 27 mai. 2025. (Trabalho original publicado em 2017).

FREIRE, M. G.; CARDOSO, H. dos S. P. Diagnóstico do autismo em meninas: revisão sistemática. *Revista Psicopedagogia*, v. 39, n. 120, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033>. Acesso em: 2 jun. 2025.

FONTES, K. A.; VASCONCELOS, M. F. Desafios no diagnóstico e manejo de meninas com TEA: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Psiquiatria Infantil*, v. 36, n. 3, p. 54–65, 2018. Acesso em: 26 mai. 2025.

HULL, L. et al. Putting on my best normal: social camouflaging in adults with autism spectrum conditions. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 47, p. 2519–2534, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-017-3166-5>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LOCKWOOD ESTRIN, G. et al. Barriers to autism spectrum disorder diagnosis for young women and girls: a systematic review. *Review Journal of Autism and*

*Developmental Disorders*, v. 8, n. 8, p. 454–470, 29 out. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34563942/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SALGADO, N. D. M. et al. Transtorno do espectro autista em crianças: uma revisão sistemática sobre o aumento da incidência e diagnóstico. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 13, p. e512111335748, 16 out. 2022. Acesso em: 23 abr. 2025.

SOUSA, K. R. C. Uma análise da repercussão no cotidiano de mães das crianças do projeto diferente. 2014. Monografia (não publicada) – Centro de Ensino Superior do Ceará, Faculdade Cearense, Fortaleza, 2014.

SILVA, H. A. et al. Transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa sobre a dificuldade de diagnóstico em meninas e mulheres. *Psicologia e Saúde em Debate*, v. 11, n. 1, p. 649–660, 2025. Acesso em: 17 mar. 2025.

URBANIACK, K.; D'AMICO, M. Disability barriers autistic girls face in secondary education: a systematic review. *Autism*, v. 29, n. 4, 12 nov. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34563942/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

WOOD-DOWNIE, H. et al. Sex/gender differences in camouflaging in children and adolescents with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 51, p. 1353–1364, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04615-z>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ZEPPONE, S. C.; VOLPON, L. C.; DEL CIAMPO, L. A. Monitoramento do desenvolvimento infantil realizado no Brasil. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 30, n. 4, p. 594–599, 2012. São Carlos/SP. Acesso em: 13 fev. 2025.

ZANATTA, E. A. et al. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-759537>. Acesso em: 5 jun. 2025.